

“I CANNOT COMPREHEND THE NEGLECT OF A FAMILY LIBRARY IN SUCH DAYS AS THESE.” A HISTÓRIA NA LITERATURA DE JANE AUSTEN

Maria Clara Pivato BIAJOLI*

■ **RESUMO:** Este artigo propõe analisar as referências históricas presentes no romance *Orgulho e Preconceito* (1813) a partir de um recorte de uma fala de Mr. Darcy no capítulo 8 a respeito de bibliotecas particulares. Para isso, primeiro será apresentada uma introdução a respeito da relação de Jane Austen com questões históricas, políticas e econômicas de seu país e de seu período, a fim de desconstruir a imagem de uma autora apolítica, indiferente a esses temas, que fora propagada especialmente por seu sobrinho James Edward Austen-Leigh na biografia *A Memoir of Jane Austen* (1870), e um exemplo de como um olhar voltado para a história pode modificar nosso entendimento sobre o romance *Persuasão*. Em seguida, o artigo passa para a análise da fala de Mr. Darcy a partir de três questões principais: primeiro, o contexto das Guerras Napoleônicas; segundo, a ascensão da burguesia capitalista com a Revolução Industrial e o preconceito da classe aristocrata contra os comerciantes; terceiro, o surgimento das bibliotecas circulantes e de uma nova forma de leitura que contrasta com as bibliotecas familiares defendidas por Darcy. Como conclusão, o artigo propõe que a complexidade da obra de Austen emerge com mais força quando leituras que buscam temas gerais e transversais, que transcendem seu período histórico, são confrontadas com análises de detalhes e referências específicas daquele contexto.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Jane Austen. História. Guerras Napoleônicas. Burguesia. Bibliotecas.

Introdução

Em 2025, assistimos em nível global a um grande número de eventos que celebraram os 250 anos do nascimento de Jane Austen, aniversário que também impulsiona o presente dossiê. Esses eventos foram de natureza muito diversa,

* Doutora em Teoria e História Literária. UNIFAL-MG. Universidade Federal de Alfenas – Instituto de Ciências Humanas e Letras. Departamento de Letras. Alfenas – MG – Brasil. 37130-001. mariabiajoli@gmail.com

atendendo tanto ao público em geral quanto ao acadêmico especializado, marcando uma característica singular da obra dessa autora que parece ser um caso único: Austen é extremamente valorizada dentro das universidades, considerada uma das fundadoras do romance moderno, e extremamente amada fora das universidades, considerada uma das fundadoras do romance amoroso. Contudo, podemos propor que um dos motivos pelos quais a obra de Jane Austen continua sendo tão lida, apreciada e estudada até hoje resulta da forma como a autora recusa respostas fáceis e definitivas para as diversas questões que debate de maneira transversal em seus romances – razão, sensibilidade, orgulho, preconceito, persuasão, etc. Seus títulos agem como referências, mas não é possível delimitar um certo tema como abordado apenas no livro que o traz na capa. A presença constante de questões que gozam de certa universalidade em sua obra pode explicar a forma como esses romances resistiram à passagem do tempo e a diferenças geográficas, manifestado no sucesso de tantas reescrituras e *fan fictions* modernas que os atualizam para discutir aspectos de variadas culturas, como a sociedade do Paquistão atual, o universo de imigrantes muçulmanos no Canadá, ou os conflitos étnico-raciais no Brooklyn¹.

A percepção de uma universalidade de Austen se apoia também em um aspecto que recebe pouca atenção, o fato de que a escritora raramente data suas obras, tanto com referências claras a anos, quanto no sentido de incluir menções a eventos ou outros elementos reais que poderiam fixá-las temporalmente e, como consequência, gerar uma impressão de obsolescência. Em *Northanger Abbey*, por exemplo, na sua exaltada defesa ao gênero do romance, o narrador cita obras reais de Maria Edgeworth e Frances Burney, indicando que o tempo da narração deve ser posterior a 1801, porém isso não significa, necessariamente, que esse é o tempo da história. Já *Mansfield Park*, que há pelo menos três décadas tem destaque na discussão a respeito do imperialismo inglês, da escravidão nas colônias britânicas e da relação da autora com o abolicionismo, não fornece pistas se a história se passa antes ou depois de 1807, quando a Inglaterra proibiu o tráfico transatlântico de pessoas escravizadas². Tentar definir esse “pequeno” detalhe, debatido em diversos artigos, afeta a maneira como entendemos a necessidade de Sir Thomas Bertram de viajar para sua propriedade no Caribe e o comentário de Fanny Price na mesa de jantar que provoca um silêncio geral.

A exceção é *Persuasão*, que explica desde o começo que o breve noivado de Anne Elliot e o então Comandante Frederick Wentworth aconteceu no ano de 1806

¹ Refiro-me aqui às seguintes obras, respectivamente: *Unmarriageble* (2019), de Soniah Kamal, *Ayesha at Last* (2019), de Uzma Jalaluddin, e *Pride* (2019), de Ibi Zoboi, todas reescrituras modernas de *Orgulho e Preconceito*.

² Um bom resumo das propostas de datação da história e seus argumentos pode ser encontrado na introdução de John Wiltshire para a edição de *Mansfield Park* (2006) editada por ele para a coleção *The Cambridge Edition of the Works of Jane Austen*.

e seu reencontro após oito anos de separação – ou seja, o tempo presente da história se passa nos últimos meses de 1814 e o começo de 1815. Sheryl Craig, em *Jane Austen and The State of the Nation* (2015) defende que essa precisão de datas, por ser tão diferente da prática de Austen em todos os seus romances anteriores, deve ser proposital e, portanto, contribuir com uma espécie de subtexto para a história. Para Craig, a periodização precisa do romance é essencial para a história (p.144) e explica:

Jane Austen began writing *Persuasion* in August of 1815 and finished the manuscript exactly 12 months later. As Austen started her final completed novel, England was experiencing the worse financial crisis of Austen's life and one of the worst economic depressions in British history. The collapse of the wartime economy, easy credit, an unregulated banking system, an unprecedented national debt, high unemployment, and the notorious Corn Law, which drove up the price of food, conspired to create the economic perfect storm, but the inevitable consequences of collective foolishness and greed nevertheless took the country by surprise (Craig, 2015, p.145).³

Craig se refere à crise comparável ao crash da bolsa de Nova Iorque em 1929 que destruiu a economia da Inglaterra com o fim das guerras napoleônicas. Durante décadas, o governo sustentara a revolução industrial do país através da compra de armamentos, roupas, carruagens, alimentos etc. para atender a todo tipo de necessidade de seu exército. Após a batalha de Waterloo, porém, a fonte secou. Segundo Craig,

"Britain had never maintained a standing army in times of peace, so the end of the war meant the cancellation of government contracts (...). Factories closed, and factory workers were turned out to wander the countryside in search of jobs. To add to the unemployment, 300,000 men were demobilized from the military in 1815; 85% of the British Navy was discharged."⁴ (*idem*, p. 145-146).

³ "Jane Austen começou a escrever *Persuasão* em agosto de 1815 e terminou o manuscrito exatamente doze meses depois. Enquanto Austen iniciava seu último romance completo, a Inglaterra vivenciava a pior crise financeira da vida de Austen e uma das piores depressões econômicas na história britânica. O colapso da economia de guerra, o crédito fácil, um sistema bancário desregulado, uma dívida nacional sem precedentes e o alto preço dos alimentos conspiraram para criar a perfeita tempestade econômica, mas as consequências inevitáveis da imprudência e da ganância coletivas ainda assim pegaram o país de surpresa."

⁴ "A Grã-Bretanha nunca mantivera um exército a postos em tempos de paz, logo o fim da Guerra significou o cancelamento dos contratos com o governo (...). Fábricas fecharam e trabalhadores foram mandados embora para andar pelo país em busca de empregos. Para aumentar o desemprego, 300 mil homens foram dispensados do exército em 1815; 85 por cento da Marinha também foi dispensada."

A combinação de milhares de soldados dispensados do exército e da marinha com um número enorme de trabalhadores demitidos das fábricas inundou um mercado de trabalho que fez despencar os salários enquanto o preço do pão de mantinha artificialmente alto por leis protecionistas que visavam garantir apenas a renda dos detentores de terra, como Sir Walter Elliot. É nesse contexto, por exemplo, que o banco do irmão de Jane Austen, Henry Austen, vai à falência, e com ele parte das economias da família toda, incluindo a perda da soma vultosa de vinte mil libras de Edward Knight, outro irmão. Craig defende, assim, que

given the timeframe assigned to the story, the author and her original readers shared a secret, one that *Persuasion's* characters cannot possibly know, that the England the characters inhabit is about to economically implode⁵ (*idem*, p.145).

Não é à toa, ela argumenta, que a questão financeira é tão premente no romance, indicada nos esbanjadores Sir Walter e Elizabeth, a ascensão de Wentworth, o estilo de vida simples e criativo da família de Harville, e a busca desesperada pela sua herança pela Sra. Smith. O romance questiona, assim, em meio à história de uma segunda chance para a protagonista, quem de fato estaria seguro no futuro imediato? Hoje, porém, essa tensão é perdida porque as referências históricas foram esquecidas e sobrepujadas pela primazia da história de amor.

Além da escassez de datas e referências, o olhar do leitor para os diálogos que Austen estabelece com seu contexto histórico, em especial com questões políticas e econômicas, foi desencorajado pela sua própria família ainda no século XIX, durante o processo de consolidação da tradicional imagem da “santa Tia Jane” que escrevia apenas por prazer, sem nenhuma ambição financeira ou literária. Seu sobrinho James Edward Austen-Leigh, em especial, reforça pelo menos em três passagens diferentes em seu famoso *A Memoir of Jane Austen* (1870) como sua tia não dava atenção para esses temas:

Jane, when a girl, had strong political opinions, especially about the affairs of the sixteenth and seventeenth centuries. She was a vehement defender of Charles I and his grandmother Mary; but I think **it was rather from an impulse of feeling than from any enquiry into the evidences** by which they must be condemned or acquitted. As she grew up, the **politics of the day occupied very little of her attention** (...) ⁶ (Austen-Leigh, 2002, p.70, destaques meus).

⁵ “dado o recorte temporal determinado para a história, a autora e seus leitores originais compartilhavam de um segredo que as personagens em *Persuasão* não tinham como saber, que a Inglaterra que as personagens habitavam estava prestes a ser economicamente implodida.”

⁶ “Jane, quando menina, tinha fortes opiniões políticas sobre os acontecimentos dos séculos XVI e XVII. Ela era uma defensora veemente de Charles I e de sua avó Mary, mas eu acho que isso advinha

Nos trechos destacados, James Edward rapidamente descarta as opiniões políticas de Jane Austen, bem como a sua interpretação da história, como imaturas, impulsivas e sem embasamento em estudos aprofundados, típicos de uma adolescente – algo que a Austen adulta iria abandonar por falta de interesse. Contudo, os manuscritos sobreviventes da autora derrubam esse relato de indiferença como um castelo de cartas. Em especial, a sua própria versão satírica da história da Inglaterra, que continha pequenas ilustrações feitas pela irmã Cassandra, demonstra um nível de conhecimento profundo e de crítica perspicaz. O título *The History of England from the reign of Henry the 4th to the death of Charles the 1st. By a partial, prejudiced, & ignorant Historian* nos mostra a rapidez de uma jovem de dezesseis anos em perceber o discurso histórico oficial também como parcial e preconceituoso. Como afirma Marsha Huff (2025), esse manuscrito é uma paródia do popular tratado em quatro volumes de Oliver Goldsmith, intitulado *The History of England from the Earliest Times to the Death of George II* (1771), o qual tanto Jane Austen quanto seus irmãos liam em sua casa em Steventon. Huff argumenta:

Austen's parody of Goldsmith begins on the first page, as she echoes the form of Goldsmith's title. She boasts of being a "prejudiced" historian in direct contradiction to the claim made by Goldsmith in his preface: "it is hoped the reader will admit my impartiality" (qtd. in Sutherland and Johnston 297). Jane was not such a reader. Her extensive notes written in the margins of the family's copy of Goldsmith (reprinted in the Cambridge *Juvenilia*) express disdain for many of his opinions; one note reads: "Oh! Dr. Goldsmith Thou art as partial an Historian as myself!"⁷ (Huff, 2025, p.2).

Austen, portanto, não só se sentia capaz de questionar a autoridade e a imparcialidade de um historiador – o que vai reaparecer na reclamação de Catherine Morland contra os tratados de história – mas possuía conhecimento suficiente para propor outra versão. Contudo, como suas opiniões não poderiam ser acomodadas com segurança dentro do retrato da mulher respeitosa que seu sobrinho se esforçava para traçar dentro do período vitoriano, James Edward prefere afirmar que a tia

mais de um impulso de sentimento do que de qualquer estudo das evidências pelos quais eles devem ser julgados ou perdoados. Conforme ela cresceu, a política da época ocupava muito pouco de sua atenção."

⁷ "A paródia de Austen a Goldsmith começa na primeira página, quando ela ecoa a forma do seu título. Ela se vangloria de ser uma historiadora "preconceituosa", em direta contradição com a afirmação feita por Goldsmith em seu prefácio: "espera-se que o leitor reconheça minha imparcialidade" (citado em Sutherland e Johnston 297). Jane não era o tipo de leitora para permitir isso. Suas extensas anotações escritas nas margens do exemplar de Goldsmith da sua família (reimpressas na edição *Juvenilia* de Cambridge) expressam desprezo por muitas de suas opiniões; uma anotação diz: "Oh! Dr. Goldsmith, tu és um historiador tão parcial quanto eu!".

was always very careful not to meddle with matters which she did not thoroughly understand. She never touched upon politics, law, or medicine (...)"⁸ (Austen-Leigh, 2002, p.18).

Se Austen não entendia de história, de política, e se tratava apenas de assuntos domésticos menores, femininos, não havia por que a crítica se preocupar em buscar tais temas em suas obras. Essa injunção foi tão eficiente, observa Kathryn Sutherland, que até mesmo R. W. Chapman, responsável pelas primeiras edições acadêmicas dos romances de Austen na década de 1920, acreditava que os irmãos da autora tiveram papel significativo na revisão de seus manuscritos, em especial nas referências às informações sobre a marinha (Sutherland, 2005, p.237).

Dias como estes

Ao contrário da tradicional imagem de indiferença de Austen para com o mundo público, pesquisas recentes como a de Craig mostram como sua obra é muito mais complexa do que deixa transparecer à primeira vista, ou à primeira leitura. A partir da premissa de que a história pode ampliar a interpretação do literário e elucidar possíveis diálogos entre a autora e seus leitores, este artigo propõe analisar a importância do contexto histórico em *Orgulho e Preconceito* a partir de uma simples frase – pequena, quase imperceptível, mas potencialmente provocadora. A frase pertence a uma fala de Mr. Darcy. No capítulo 8, Elizabeth Bennet encontra os moradores de Netherfield Park na sala de estar jogando cartas após o jantar. Ela recusa o convite de se unir a eles porque acredita que as apostas são muito altas para seu bolso e prefere, prudentemente, ler um livro. Mr. Bingley lamenta, então, sua pequena coleção que coloca à disposição da hóspede, provocando o diálogo abaixo:

“And I wish my collection were larger for your benefit and my own credit; but I am an idle fellow; and though I have not many, I have more than I ever looked into.”

(...)

“I am astonished,” said Miss Bingley, “that my father should have left so small a collection of books. What a delightful library you have at Pemberley, Mr. Darcy!”

“It ought to be good,” he replied: “it has been the work of many generations.”

“And then you have added so much to it yourself—you are always buying books.”

⁸ “Ela tinha muito cuidado para não mexer com assuntos que não entendia totalmente. Ela nunca abordava política, direito, ou medicina (...).”

“I cannot comprehend the neglect of a family library in such days as these.” A história na literatura de Jane Austen

“I cannot comprehend the neglect of a family library **in such days as these**”⁹
(Austen, 2006a, p.41, destaques meus).

“[I]n such days as these” – em dias como estes, ou em dias como os de hoje/atuais. Essa é a frase instigante de Austen, que parece inferir que os leitores desse romance em 1813 iriam automaticamente entender quais dias eram esses que Darcy menciona de maneira tão *en passant*. À primeira vista, pode parecer uma referência inocente ao próprio período de reescrita e publicação do romance, entre 1811 e 1812 aproximadamente. Contudo, sabemos que, de acordo com os registros de Cassandra Austen, Jane Austen teria escrito a primeira versão dessa história, chamada até então de *First Impressions*, entre os anos de 1796 e 1797. Além disso, precisamos lembrar que Austen admite para sua irmã em carta de 29 de janeiro de 1813 que editou bastante o manuscrito:

The second volume is shorter than I could wish, but the difference is not so much in reality as in look, there being a larger proportion of narrative in that part. I have lopt and cropt so successfully, however, that I imagine it must be rather shorter than S&S altogether¹⁰ (Austen, 2014, p.210).

O que não sabemos, porque as duas irmãs sabiam e não era necessário explicar, é, primeiro, quando ocorreu essa revisão e, segundo, quais cortes extensos foram feitos. E, como não há nenhum manuscrito sobrevivente da versão original do fim do século XVIII, é impossível determinar se a frase sobre os dias atuais estava na primeira versão ou se foi adicionada na segunda – ou seja, a qual período ela faria referência, se é que podemos considerar o período de escrita como o período presente da narrativa.¹¹

Independentemente de o romance se passar no fim da década de 1790 ou no começo da de 1810, uma das poucas coisas que os críticos concordam é que o seu

⁹ “E eu gostaria que minha coleção fosse maior, para seu benefício e para meu próprio crédito; mas sou um sujeito preguiçoso; e embora não tenha muitos, tenho mais do que jamais imaginei.” (...) “Estou surpresa”, disse a Srta. Bingley, “que meu pai tenha deixado uma coleção tão pequena de livros. Que biblioteca encantadora o senhor tem em Pemberley, Sr. Darcy!” / “Deve ser boa”, respondeu ele: “é o trabalho de muitas gerações.” / “E o senhor acrescentou tanto a ela — está sempre comprando livros.” / “Não consigo compreender a negligência de uma biblioteca familiar em dias como estes.”

¹⁰ “O segundo volume é mais curto do que eu gostaria, mas a diferença não é tanto na realidade, quanto na aparência, pois há uma proporção maior de narrativa nessa parte. No entanto, aparei e recortei com tanto sucesso que imagino que deva ser bem mais curto do que S&S [*Razão e Sensibilidade*] como um todo.”

¹¹ Da mesma forma como no caso de *Mansfield Park*, a introdução de Pat Rogers para a edição de *Pride and Prejudice* (2006) editada por ele para a coleção *The Cambridge Edition of the Works of Jane Austen* também traz um panorama das hipóteses de datação da história e respectivas justificativas.

grande pano de fundo é a guerra da Inglaterra contra a França de Napoleão Bonaparte. Iniciada em 1793 e encerrada apenas em 1815, as guerras napoleônicas duraram 22 anos, praticamente toda a vida adulta de Jane Austen, com muitas consequências concretas. Segundo John Breihan e Clive Clapan (1992), por exemplo, o medo de uma invasão francesa levou à expansão de regimentos da milícia, um tipo de exército privado voltado para a defesa interna, enquanto o exército regular era enviado para batalhas em territórios estrangeiros – Egito, França, Espanha, etc. Essa milícia normalmente ficava aquartelada nos meses de outono e inverno no interior, em locais estratégicos, e depois era transferida para o litoral nos meses da primavera e verão para aguardar e repelir qualquer invasão (p.17-18). É evidente que a presença da milícia em Meryton é um elemento necessário da narrativa para que um estranho charmoso – Sr. Wickham – possa ser apresentado à família Bennet de maneira respeitável, sem gerar desconfiças sobre suas origens. Além disso, a transferência da milícia para Brighton no verão, para que a fuga de Lydia pudesse acontecer, também era algo perfeitamente comum. Sempre preocupada com os detalhes que sustentam o realismo de seus romances, Austen utilizou de elementos à sua volta para construir o cenário ideal tanto para a entrada de um personagem crucial, quanto para justificar um evento que opera uma mudança no desenrolar de sua história. Clive Caplan (1996) explica como, em 1793, foi criada a milícia de Oxfordshire, na qual Henry Austen se alista, e, entre diversos deslocamentos até pontos estratégicos como Portsmouth, Southampton e Brighton, permanece um certo tempo perto de Steventon, onde Austen morava até então. A jovem autora pode manter, portanto, um convívio social com os oficiais, como vemos ocorrer no romance na vila de Meryton, na casa dos Phillips, e no baile em Netherfield. A presença da milícia nos condados rurais e sua movimentação, portanto, parece fortalecer a tese de que o romance se passa na década de 1790 pela sua reprodução detalhada desse cenário familiar à autora (Breihan e Caplan, 1992).

Uma rápida referência histórica também pode apoiar a hipótese da década de 1790. No último capítulo, o narrador explica como Elizabeth e Jane passarão provavelmente o resto de suas vidas pagando as dívidas de Lydia e Wickham:

It had always been evident to her that such an income as theirs, under the direction of two persons so extravagant in their wants, and heedless of the future, must be very insufficient to their support; and whenever they changed their quarters, either Jane or herself were sure of being applied to for some little assistance towards discharging their bills. Their manner of living, even when **the restoration of peace** dismissed them to a home, was unsettled in the extreme.¹² (Austen, 2006a, p. 429, destaques meus)

¹² “Sempre fora evidente a ela que uma renda como a deles, sob a direção de duas pessoas tão extravagantes em seus desejos e indiferentes ao futuro, deveria ser muito insuficiente para seu sustento;

Essa última frase é sugestiva porque menciona a restauração da paz. Quando *Orgulho e Preconceito* foi publicado em 1813, podemos até considerar que os ingleses estavam cansados da guerra contra a França e ansiavam por seu fim, mas não temos nenhum indício nas obras de Austen de que ela trabalhava com especulações, inserindo em seu romance uma paz futura que ninguém sabia quando viria. A única paz que realmente ocorreu e que poderia ter afetado a vida de um membro do exército regular como Wickham é a Paz de Amiens, um tratado de cessão de hostilidades entre a França e a Inglaterra em 1802 que durou cerca de 1 ano apenas. Trata-se de uma informação, porém, que a autora não poderia ter mencionado quando compôs a primeira versão do romance, entre 1796-97, sem uma bola de cristal. Logo, essa frase passageira foi adicionada em revisões posteriores, o que descarta a ideia de ter sido uma informação sem importância que passara despercebida pela autora na versão final enviada para publicação. Ao contrário, parece delimitar o período da história apenas quando ela se encerra e nos provoca a reler o romance com essa nova informação em mente.

Assim, aquela fala "such days as these" parece inevitavelmente estar relacionada com a guerra contra a França e suas consequências, mais especificamente com o seu início, muito próximo à Revolução Francesa. Mr. Darcy, o representante da aristocracia aqui, vem de uma tradição na qual livros são artigos de luxo adquiridos apenas por famílias nobres e/ou detentoras de terras para formarem suas bibliotecas particulares em suas propriedades, que seriam transmitidas de geração em geração. Elas são repositórios de uma cultura, portanto, e arderam nas chamas da Revolução na França juntamente com os saques e destruições dos castelos da nobreza, cujos membros foram com frequência parar na guilhotina, como o marido da prima e futura cunhada de Austen, Condessa Eliza de Feuillide. Uma biblioteca particular em uma grande propriedade como Pemberley, de uma família antiga como os Darcy – tão antiga que tem um nome francês que remonta à invasão normanda – portanto, poderia muito bem simbolizar uma essência inglesa que deveria ser protegida a qualquer custo, especialmente dos perigos de uma revolução. Metaforicamente, também deveria ser protegida de um casamento com uma "arrivista", como acusa Lady Catherine, uma jovem sem família respeitável, sem conexões, sem fortuna que vai poluir as sombras de Pemberley para todo o sempre. Elizabeth atua sobre Darcy quase como uma revolução (e ele, nela), forçando-o a rever seus valores e mudar sua conduta. Nesse momento, nessa obra, Austen ainda desenha uma possibilidade de redenção para essa classe aristocrata. Em *Mansfield Park* e especialmente em *Persuasão*, ela vai abandoná-la completamente como corrompida demais.

e sempre que mudavam de residência, Jane ou ela própria tinham a certeza de serem solicitadas para alguma pequena ajuda para pagar as contas deles. Seu modo de vida, mesmo com a restauração da paz e eles retornaram para uma casa, era extremamente instável."

Há um segundo subtexto nessa passagem sobre as bibliotecas. A menção ao pai de Charles e Caroline Bingley e Louisa Hurst não ter deixado uma grande coleção de livros pode estar atrelado ao estereótipo da época de que homens de negócios e comerciantes possuíam uma educação inferior à da aristocracia e não davam muita importância para a “alta cultura”, apenas para o dinheiro, mesmo depois de terem alcançado fortuna. De acordo com Markman Ellis (2005), esse imaginário em torno da questão do comércio, ou *trade*, envolvia não só a atividade em si de compra e venda de mercadorias, mas também a sua defesa dentro de um debate a respeito do valor moral do comércio e, por consequência, da respeitabilidade das pessoas envolvidas nisso (Ellis, 2005, p. 415). A questão principal, afirma Ellis, pode ser resumida ao fato de que os comerciantes eram vistos no período de Austen como motivados apenas pelo interesse próprio (*idem*, p. 421), cujos espíritos eram corrompidos pela busca incessante ao lucro, custe o que custar. Por exemplo, Ellis menciona a questão do tráfico de escravizados, visto como evidência incontestável de que as virtudes de um cavalheiro, cuja riqueza estável vinha da terra, não poderia ser encontrada jamais em homens que dependiam da exploração lucrativa do sofrimento humano para seu sucesso:

“The slave trade was not a simple comercial enterprise, it was the clearest expression of the essentially selfish nature of the comercial imperative”¹³ (*idem*, p. 423).

Obviamente, como mostra *Mansfield Park*, os aristocratas também poderiam se envolver nessa prática, sem falar de que a idealização da riqueza advinda da terra e da agricultura ignorava as condições dos trabalhadores do campo. De qualquer forma, ainda que o romance não defina exatamente qual teria sido a área de atuação do pai do Sr. Bingley, o fato de não ter se preocupado com a aquisição de livros parece pesar contra ele nesse debate da época.

Darcy obviamente compartilha dessa visão negativa a respeito de comerciantes, revelando seu preconceito contra os parentes de Elizabeth logo no início do romance, na fala abaixo em resposta a Bingley:

“If they had uncles enough to fill *all* Cheapside,” cried Bingley, “it would not make them one jot less agreeable.”

“But it must very materially lessen their chance of marrying men of any **consideration** in the world,” replied Darcy¹⁴ (Austen, 2006a, p. 40, destaques meus).

¹³ “O tráfico de escravizados não era uma simples atividade comercial; era a expressão mais clara da natureza essencialmente egoísta do imperativo comercial.”

¹⁴ “Se elas tivessem tios suficientes para povoar Cheapside inteira”, exclamou Bingley, “isso não as

Fica evidente que Darcy não considera homens do comércio como tendo direito à um mesmo nível de respeitabilidade naquela sociedade e sua opinião se contrasta com a de Bingley, que não se importa com essas distinções, sendo ele mesmo fruto dessa atividade – uma contradição que suas irmãs preferem esquecer. A aversão de Darcy é reforçada em outra situação, quando, em seu primeiro pedido de casamento a Elizabeth, exclama:

"Could you expect me to rejoice in the inferiority of your connections?— to congratulate myself on the hope of relations whose condition in life is so decidedly **beneath** my own?"¹⁵ (*idem*, p. 215, destaques meus).

É também por isso que o reencontro de Darcy e Elizabeth em Pemberley é tão essencial para a história, já que ali Darcy é forçado a reconhecer a respeitabilidade e boas maneiras do Sr. e Sra. Gardiner, a quem se referiria anteriormente como inferiores. Assistimos à cena desse encontro de classes através dos olhos ansiosos de Elizabeth:

Elizabeth could not but be pleased, could not but triumph. It was consoling that he should know she had some relations for whom there was no need to blush. She listened most attentively to all that passed between them, and gloried in every expression, every sentence of her uncle, which marked his **intelligence**, his taste, or his good manners¹⁶ (*idem*, p.282, destaque meu).

Aqui, preconceitos são desmontados nos jardins de Pemberley pela aparência elegante, pelos modos e, principalmente, pela conversa inteligente do Sr. Gardiner – que demonstra ser, portanto, um homem de cultura, um homem que não foca apenas em seus negócios. A cena da biblioteca, dessa forma, também dialoga com o contexto histórico da ascensão da burguesia capitalista, a qual, ao longo do século XIX, vai inverter a balança e se transformar no grupo social mais poderoso da Inglaterra. *Orgulho e Preconceito* registra, assim, os primeiros sinais dessa mudança.

Por último, é possível propor também que, ao mencionar a negligência das pessoas para com suas bibliotecas particulares, **das famílias**, Darcy constrói uma

tornaria nem um pouco menos agradáveis." "Mas isso certamente deve diminuir consideravelmente suas chances de se casarem com homens de alguma importância no mundo", respondeu Darcy.

¹⁵ "Poderia imaginar que eu me alegraria com a inferioridade das suas conexões? — que celebraria a esperança de ter parentes cuja condição de vida é tão decididamente inferior à minha?"

¹⁶ "Elizabeth não podia deixar de se sentir satisfeita, não podia deixar de sentir triunfo. Era reconfortante que ele soubesse que ela tinha alguns parentes por quem não havia motivo para corar. Ela ouvia com a maior atenção tudo o que se passava entre eles e se deliciava com cada expressão, cada frase de seu tio, que demonstrava sua inteligência, seu bom gosto ou seus bons modos."

oposição com o único outro tipo de biblioteca existente até então, as bibliotecas circulantes, em que o empréstimo de livros estava atrelado a uma taxa de filiação muito mais barata do que o preço para comprar um exemplar. Lee Erickson propõe, por exemplo, que com uma taxa que poderia custar entre 1 a 2 guinéus, o valor médio de um romance como os de Austen, uma pessoa poderia emprestar cerca de 26 livros ao ano (1990, p. 579). Essas *circulating libraries* começaram a surgir no começo do século XVIII, mas se multiplicaram substancialmente a partir da década de 1740 (Todd, 1986, p.12). O discurso proferido para a sua instituição era muitas vezes cheio de nobres intenções – segundo Mark Towsey, eram divulgadas como um veículo para a transmissão de ideias superiores a uma audiência maior e mais espalhada territorialmente (Towsey, 2010, p.92) – mas o fato é que muito facilmente o livro foi percebido pelos editores, livreiros e donos dessas bibliotecas como uma mercadoria de lazer a ser consumida e descartada rapidamente. A diferença em relação à literatura “superior” estudada pelas elites em suas bibliotecas privadas não poderia ser mais gritante. Além disso, Darcy dá voz a sua concepção de leitura como instrucional ao invés de apenas por lazer quando, naquela conversa a respeito do que constituiria uma mulher realmente *accomplished* – um conceito difícil de traduzir que envolve ser entre prendada e elegante –, ele rebate a lista infinita de Caroline Bingley (cantar, desenhar, dançar, falar línguas estrangeiras, até andar de um modo específico) insistindo que

“All this she must possess,” added Darcy; “and to all she must yet add something more substantial in the improvement of her mind by **extensive** reading.”¹⁷(Austen, 2006a, p.43, destaque meu).

Essa leitura extensa é a leitura cuidadosa, sinônimo de estudo e oposta ao que, popularmente, era oferecido pelas bibliotecas circulantes. Não é à toa também que essa questão surja para definir o que e como, especificamente, uma mulher deve ler. Como afirma Alan Richardson,

In contrast to the home library, the contents of which might be carefully monitored by the family patriarch, the circulating library (...) represented the threat of promiscuous reading and individual autonomy of choice. (...) Reading is associated throughout Austen’s novels with education in the broadest sense; that is, with intellectual and moral development. Yet not just reading practice will result in such ‘improvement’. Mary (...) exemplifies the error of reading for superficial knowledge and memorising set passages for the purpose of showing off. (...) Mr. Knightley, in *Emma*, touches on the same ideal in lamenting

¹⁷ “Tudo isso ela deve possuir”, acrescentou Darcy; “e a tudo isso ela deve acrescentar algo mais substancial no aprimoramento de sua mente por meio de leituras extensas.”

"I cannot comprehend the neglect of a family library in such days as these." A história na literatura de Jane Austen

the absence in Emma's life of a 'course of steady reading', in contrast to the ambitious lists of books she draws up but never gets around to reading.¹⁸ (Richardson, 2005, p. 402)

Não só a forma de se ler, portanto, mas também o que era lido em cada tipo de biblioteca era diferente. Era um tema comum de discussão na época que, enquanto as bibliotecas familiares que Darcy defende possuíam obras consideradas eruditas, como poesia, tratados, história, clássicos greco-romanos, o produto principal das bibliotecas circulantes era o romance, um gênero visto como inferior, baixo, perigoso. Erickson mostra como as bibliotecas circulantes

"became particularly associated with reading novels because of the low marginal utility of rereading them; that is, in comparison with other books, most novels were (and still are) disposable pleasures to be read once and forgotten"¹⁹ (Erickson, 1990, 578).

A própria Austen comenta a esse respeito em uma carta a sua irmã Cassandra sobre a abertura de uma nova biblioteca circulante em sua vizinhança. Ela diz:

I have received a very civil note from Mrs Martin requesting my name as a Subscriber to her Library which opens this 14th of January, & my name, or rather Yours is accordingly given. (...) As an inducement to subscribe Mrs Martin tells us that her Collection is not to consist only of Novels, but of every kind of Literature &c &c – She might have spared this pretension to *our* family, who are great Novel-readers & not ashamed of being so; – but it was necessary I suppose to the self-consequence of half her Subscribers."²⁰ (Austen, 2014, p.27)

¹⁸ "Em contraste com a biblioteca privada, cujo conteúdo podia ser cuidadosamente monitorado pelo patriarca da família, a biblioteca circulante (...) representava a ameaça da leitura indiscriminada e da autonomia individual da escolha. (...) A leitura está associada, ao longo dos romances de Austen, à educação no sentido mais amplo, isto é, ao desenvolvimento intelectual e moral. Contudo, não é apenas a prática da leitura que resulta em tal "aprimoramento". Mary (...) exemplifica o erro de ler para obter conhecimento superficial e memorizar trechos específicos com o propósito de se exibir. (...) O Sr. Knightley, em *Emma*, aborda o mesmo ideal ao lamentar a ausência, na vida de Emma, de uma "rotina de leitura constante", em contraste com as ambiciosas listas de livros que ela elabora, mas nunca chega a ler."

¹⁹ "tornaram-se particularmente associadas à leitura de romances devido à baixa utilidade marginal de relê-los; ou seja, em comparação com outros livros, a maioria dos romances eram (e ainda são) prazeres descartáveis para serem lidos uma vez e esquecidos."

²⁰ Recebi uma carta muito educada da Sra. Martin solicitando meu nome como assinante de sua biblioteca, que será inaugurada em 14 de janeiro, e meu nome, ou melhor, o seu, foi devidamente fornecido. (...) Como incentivo para a assinatura, a Sra. Martin nos informa que sua coleção não será composta apenas de romances, mas de todos os tipos de literatura etc. etc. – Ela poderia ter poupado

Nesse cenário, o romance moderno foi o primeiro livro “descartável”, escrito e produzido de forma consciente para se tornar obsoleto rapidamente e sem qualquer pretensão de contribuir para a “alta cultura”. Como afirma William Warner, os romances, publicados de forma anônima ou por autores emergentes sem patronos ou status social, apareciam como criações irresponsáveis, concebidas somente para satisfazer qualquer desejo que levasse a vendas (Warner, 1994, p.4). É possível então que, nas entrelinhas daquele seu comentário sobre as bibliotecas, Darcy também estivesse condenando esse gênero e, na opinião de Austen, condenando a si próprio: como notou Katie Halsey, é frequente a associação de personagens com livros para demonstrar suas personalidades, pois elas repetidamente se revelam através de suas respostas à literatura (Halsey, 2013, p.25). Um bom exemplo disso é a fala de Caroline Bingley sobre o seu (falso) prazer da leitura registrada na famosa nota de dez libras. Mas mais contundente ainda é a cena em que o formal e absurdo Mr. Collins é convidado para ler em voz alta para as irmãs Bennet:

Mr. Collins readily assented, and a book was produced; but on beholding it, (for every thing announced it to be from a circulating library,) he started back, and begging pardon, protested that he never read novels. – Kitty stared at him, and Lydia exclaimed. – Other books were produced, and after some deliberation he chose Fordyce’s Sermons²¹ (Austen, 2006a, p.76).

A recusa de Mr. Collins para nem sequer tocar em um romance, além de soar um pouco como grosseria, é uma indicação para o leitor que o pároco é, definitivamente, um homem tolo e tacanho. Como aponta Katie Halsey, a cena tem um nível alto de complexidade:

On one level, we need only understand Collins has chosen a dull and pompous text which represents his own pomposity, while Lydia and Kitty are unused to reading anything but frivolous novels, and so are unable to attend to ‘books of a serious stamp’. This would simply be another example of Austen’s use of reading to denote character. However, Austen’s joke is multi-layered, and deeply embedded in contemporary prejudices and preconceptions about books and reading. Mr. Collins’ choice of Fordyce’s Sermons suggests he is familiar with conduct-book directives about what a young woman should and should not read, while his reaction to the sight of a circulating library book is perfectly judged to make him appear as a convention-bound fool, familiar with the reputation

nossa família dessa pretensão, já que somos grandes leitores de romances e não temos vergonha disso; – mas suponho que tenha sido necessário para a arrogância de metade de seus assinantes.”

²¹ “O Sr. Collins concordou prontamente e um livro foi trazido; mas ao vê-lo (pois tudo indicava que era de uma biblioteca circulante), ele recuou bruscamente e, pedindo desculpas, protestou que nunca lia romances. – Kitty olhou fixamente para ele, e Lydia exclamou. – Outros livros foram trazidos, e após alguma deliberação, ele escolheu os *Sermões de Fordyce*.”

"I cannot comprehend the neglect of a family library in such days as these." A história na literatura de Jane Austen

of circulating libraries, but not what they were really like. (...) In a novel where realizing the unreliability of first impressions is vital to self-knowledge and growth, Mr Collins thus gives the most liberal possible demonstrations of judging a book by its cover, and demonstrates simultaneously his over-strict adherence to codes of propriety and his refusal to form opinions of his own²² (Halsey, 2013, p.41).

De uma certa forma, então, e pelo menos no início, Collins e Darcy – os dois homens que pediriam Elizabeth Bennet em casamento tendo certeza de que sua resposta seria sim – aparentam ter mais em comum do que todos nós gostaríamos de admitir. Mas enquanto Collins condena romances em termos morais, Darcy parece incomodado, primeiro, com um aparente descaso com a alta cultura e os valores – aristocráticos – associados a ela; com a ascensão de uma classe que coloca sua posição em risco – à qual ele terá que se render com seu casamento com Elizabeth e sua amizade com os Gardiner; e com a revolução que ocorre no país ao lado.

Considerações finais

Tudo o que foi discutido até aqui foi impulsionado por uma pequena frase que contém uma expressão corriqueira. Até o momento, uma expressão similar foi localizada em outro texto de Austen apenas uma vez, em seu manuscrito "Opinions of Emma", no qual a autora registrou todas as opiniões que recebera por escrito ou que ouvira a respeito de seu último romance publicado em vida. Na lista, ela anota:

"M^{rs} . Wroughton — did not like it so well as P. & P. — Thought the Authoress wrong, **in such times as these**, to draw such clergymen as M^r . Collins & M^r . Elton."²³ (Austen, 2006b, p.238, destaque meu).

²² "Em um nível nós só precisamos entender que Collins escolheu um texto chato e pomposo que representa sua própria afetação, enquanto Lydia e Kitty não estão acostumadas com nenhum tipo de leitura que não seja um romance frívolo e, por isso, são incapazes de prestar atenção a um livro de um "assunto sério". Esse seria apenas mais um exemplo do uso de Austen da leitura para denotar o caráter das personagens. Contudo, a sua piada tem muitas camadas e está profundamente imbuída nos preconceitos e concepções da época sobre livros e leitura. A escolha de Mr. Collins de *Fordyce's Sermons* sugere que ele conhece os conselhos dos livros de conduta sobre o que uma jovem deveria e não deveria ler, enquanto a sua reação ao ver um livro de uma biblioteca circulante é perfeitamente criada para mostrá-lo como um tolo preso a uma convenção, que está familiarizado com a reputação dessas bibliotecas, mas sem saber do que realmente se tratavam. (...) Em um romance no qual perceber a importância de se desconfiar de primeiras impressões é vital para o autoconhecimento e amadurecimento, Mr. Collins nos fornece então a demonstração mais literal possível do que é julgar um livro pela sua capa, e mostra simultaneamente sua aderência estrita e extrema aos códigos morais e a sua recusa a formar uma opinião por si mesmo."

²³ "A Sra. Wroughton não gostou tanto quanto P&P [*Orgulho e Preconceito*] — considerava que a autora estava errada, em tempos como estes, por criar clérigos como o Sr. Collins e o Sr. Elton."

Como Darcy, a Sra. Wroughton faz uma reclamação – Austen cria personagens membros da igreja com muitos defeitos, cômicos até, como Collins e Elton, o que para ela, em tempos como estes, seria um problema. Para essa senhora, trata-se de uma questão sensível, portanto, advinda de uma atenção para o potencial do romance de encorajar morais duvidosas, mas quais seriam esses tempos a que ela se refere? Quando da publicação de *Emma*, em dezembro de 1815 (1816 na capa), as guerras napoleônicas estavam finalmente encerradas e a Inglaterra sobrevivera ao risco da turbulência da Revolução Francesa. Seria então, para voltarmos ao início deste artigo, uma referência às inquietações sociais resultantes da depressão econômica pós-Waterloo, sobre as quais a igreja poderia ter um papel de conciliação, ou talvez até de repressão? Sem mais registros sobre essa Sra. Wroughton, cuja relação com Austen até hoje não foi identificada, é impossível conjecturar. Contudo, o tom de reclamação, de impaciência, de arrogância, até, na sua crítica ecoa o tom superior e mal-humorado de Darcy ao longo do primeiro volume de *Orgulho e Preconceito*, mostrando como uma simples expressão, relativamente comum, auxilia na caracterização da personagem.

Todas as camadas de leitura apresentadas aqui a respeito de uma cena aparentemente simples emergem quando lemos Jane Austen dentro de seu contexto histórico específico e recusamos o senso comum de que ela era uma autora que evitava assuntos de política e economia e preferia apenas as fofocas da sala de estar. O exemplo da tese de Sheryl Craig, que inspirou este artigo, aponta para o potencial que um olhar para a história do período de Austen tem para produzir novas interpretações sobre sua obra, algo que aquela universalidade de seus temas gerais parece desencorajar em um primeiro momento, mas que não torna necessariamente excludente. Na verdade, pelo cotejamento de uma leitura que aborda um grande tema abstrato e de uma que discute o detalhe histórico, as obras de Austen ganham em complexidade porque evidenciam como a autora, simultaneamente, aborda o geral e o particular e seus enlaces.

Biajoli, M. C. P. “I Cannot Comprehend The Neglect of a Family Library in Such Days as These.” *History in Jane Austen’s Literature*. **Itinerários**, Araraquara, n. 62, p. 157-174, jan./jun. 2026.

- **ABSTRACT:** *This article proposes to analyze the historical references present in the novel Pride and Prejudice (1813) based on an excerpt from Mr. Darcy’s speech in chapter 8 regarding family libraries. To this end, an introduction will first be presented regarding Jane Austen’s relationship with the historical, political, and economic issues of her country and her period, in order to deconstruct the image of an apolitical author; indifferent to these themes, which was propagated especially by her nephew James Edward Austen-Leigh in the biography A Memoir of Jane Austen (1870), and*

"I cannot comprehend the neglect of a family library in such days as these." A história na literatura de Jane Austen

an example of how a historical perspective can modify our understanding of the novel Persuasion. Following this, the article moves on to the analysis of Mr. Darcy's speech based on three main issues: first, the context of the Napoleonic Wars; second, the rise of the capitalist bourgeoisie with the Industrial Revolution and the prejudice of the aristocratic class against people in trade; third, the emergence of circulating libraries and a new form of reading that contrasts with the family libraries advocated by Darcy. In conclusion, this article suggests that the complexity of Austen's work emerges more strongly when interpretations that focus on general and transversal themes, which transcend her historical period, are confronted with analyses of details and references specific to her context.

■ **KEYWORDS:** Jane Austen. History. Napoleonic Wars. Bourgeoisie. Libraries.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**. Editado por Pat Rogers. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. (a)

AUSTEN, Jane. **Later Manuscripts**. Editado por Janet Todd e Linda Bree. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. (b)

AUSTEN, Jane. **Jane Austen's Letters**. Editado por Deirdre Le Faye. . Oxford: Oxford University Press, 2014.

AUSTEN-LEIGHT, James Edward **A Memoir of Jane Austen**. And Other Family Recollections. Editado por Kathryn Sutherland. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 2002. Kindle Edition.

BREIHAN, John e CAPLAN, Clive. Jane Austen and the Milita. **Persuasions – Journal of the Jane Austen Society of North America**, Estados Unidos, n.14, p.14-26, 1992.

CAPLAN, Clive. Jane Austen's Soldier Brother: The Military Career of Captain Henry Thomas Austen of the Oxfordshire Regiment of Militia, 1793-7801. **Persuasions – Journal of the Jane Austen Society of North America**, Estados Unidos, n.18, p.122-143, 1996.

CRAIG, Sheryl. **Jane Austen and the State of the Nation**. UK: Palgrave Macmillan, 2015.

ELLIS, Markman. Trade. In: TODD, Janet (ed.) **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 415-424.

ERICKSON, Lee. The Economy of Novel Reading: Jane Austen and the Circulating Library. **Studies in English Literature, 1500-1900**, Baltimore, vol. 30, n. 4, p. 573-590, 1990.

HALSEY, Katie. **Jane Austen and her Readers, 1786-1945**. London: Anthem Press, 2013.

HUFF, Marsha. Method in Her Madness: Jane Austen's *The History of England*. **Persuasions On-Live**, Estados Unidos, n. 46, vol.1, p.1-15, 2025.

RICHARDSON, Alan. Reading Practices. In: TODD, Janet (ed.) **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 397-405.

SUTHERLAND, Kathryn. **Jane Austen's Textual Lives: From Aeschylus to Bollywood**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

TOWSEY, Mark. **Reading the Scottish Enlightenment. Books and their readers in Provincial Scotland, 1750-1820**. Leiden: Brill, 2010.

TODD, Janet. **Sensibility: an introduction**. London: Methuen, 1986.

WARNER, William. Licensing Pleasure: Literary History and the Novel in Early Modern Britain. In: RICHETTI, John (ed.) **The Columbia History of the British Novel**. New York: Columbia University Press, 1994, p. 1-22.

